

# PERTURBAÇÕES DA LINGUAGEM NO DISTÚRBO DO DÉFICE DA ATENÇÃO

Trabalho de Licenciatura (2005)

**Tiago Alexandre Lopes R. Lino**

Estudante do 4º ano da Licenciatura em Psicologia na Universidade Autónoma de Lisboa  
Portugal

**Telem:**

+351 967 932 407

**Email:**

[tiago.lopes@iol.pt](mailto:tiago.lopes@iol.pt)

## RESUMO

Este trabalho visa fazer uma breve descrição sobre as perturbações da linguagem nos indivíduos com Distúrbio do Défice da Atenção. Ao longo do mesmo, tive o cuidado de abordar e relacionar a linguagem com as perturbações da mesma, tendo em conta só o aspecto cognitivo, isto é, exclui as perturbações da linguagem que sejam de foro orgânico, tal como as afasias. Foco-me primordialmente nas Dislexias, Disgrafias, Disortografias, Discalculias e Gaguez.

No primeiro capítulo, começo por abordar os tipos de linguagem, a verbal e a não verbal que todos os indivíduos usam, mas realço o facto dos indivíduos que possuem comportamentos DDA, fazerem maior uso da linguagem não verbal no seu discurso. Isto porque, os indivíduos com DDA, são indivíduos muito sensíveis ao que os rodeia, qualquer estímulo exterior é percebido com uma forte carga emotiva, logo as suas emoções são variáveis constantes no seu pensamento, o que leva a um discurso baseado na linguagem não verbal, onde as expressões faciais e comportamentos são predominantes.

O segundo capítulo, é destinado a descrever o que é o Distúrbio do Défice da Atenção e os seus sintomas básicos, como a hiperactividade, a impulsividade, a desatenção e o sentimento de ansiedade. Neste capítulo dou especial ênfase, ao quanto a ansiedade associada os sintomas básicos, é causa de grandes problemas linguísticos para os DDA, mas também descrevo quais os sinais que se manifestam nos três principais sintomas, bem como, os factos dos sintomas físicos interferirem na linguagem.

No terceiro capítulo, achei interessante referir a relação entre os mecanismos da linguagem e os mecanismos cognitivos que a suportam, bem como os lapsos de língua existentes quando esta relação

não é linear. Os DDA padecem frequentemente destes lapsos da língua, dão-lhe mais “uso” do que os indivíduos que não exibam comportamentos DDA.

O quarto e último capítulo, é uma descrição do tipo de perturbações que mais estão associadas aos indivíduos com DDA, que são elas a Dislexia, a Disgrafia, a Disortografia, a Discalculia e a Gaguez. Muitas das vezes, as várias perturbações podem estar interligadas, pois umas podem ser causas das outras, como por exemplo, uma dislexia pode ser causa de uma disgrafia, a incapacidade de ler pode estar associada à incapacidade de escrever, bem como a persistência de dar erros pode estar associada ao facto de o indivíduo ser incapaz de escrever.

Gostaria de salientar que, as perturbações são na sua grande maioria do campo cognitivo, que derivado à ansiedade e desatenção do indivíduo, implicam uma má formação cognitiva sobre os mecanismos da linguagem.

**Palavras-chave:**

Dislexia, Disgrafia, Disortografia, Discalculia, Gaguez, Distúrbio, Défice, Atenção, Hiperactividade, Concentração, Impulsividade, Distracção e Ansiedade.

## 1. LINGUAGEM

É a capacidade, que todo o ser humano é dotado, de aprender e de utilizar um ou vários sistemas de signos verbais ou símbolos, para comunicar com os seus semelhantes. A linguagem composta por signos, é considerada linguagem verbal, que pode ser escrita ou oral. A linguagem, composta maioritariamente por símbolos, pode considerar por linguagem não verbal, que inclui a linguagem gestual, facial e simbólica.

Normalmente quando dizemos uma frase, ela é acompanhada por uma linguagem verbal que é aquilo que dizemos, e por uma linguagem não verbal, como uma expressão facial daquilo que estamos a dizer.

Ora, os indivíduos com comportamentos enquadrados no Distúrbio do Défice da Atenção, poderão exagerar na linguagem não verbal do que estão a querer dizer, nomeadamente através de comportamentos desaquedados.

### 1.1. LINGUAGEM VERBAL

A linguagem verbal, é composta por dois tipos de linguagem, a linguagem oral e a linguagem escrita. A linguagem verbal auxilia na representação de conceitos e na comunicação humana.

Conta com três componentes fundamentais, a *forma* que visa combinar os vários sons com a sintaxe; o *conteúdo* que visa garantir a validade do que é discursado; e por último a *pragmática*, que preocupa-se com que a linguagem seja adequada às circunstâncias sociais e se enquadre num contexto geral.

A grande dificuldade dos DDA, encontra-se aqui na pragmática, pois eles adquirem um discurso em *Bouble Bind*, o que significa que eles dizem as coisas e por vezes sentem outras, porque querem ser coerentes e aceites. Apesar de tudo têm consciência dos comportamentos inadequados que têm, bem como das coisas desagradáveis que dizem, então tentam a todo o custo corrigir tal fenómeno, só que isso agrava o seu grau de ansiedade, e quanto mais se esforçam para corrigir, mas reforçado é o *Double Bind* e maior a sua ansiedade e angústia.

Fazem também parte da linguagem os morfemas e os fonemas, estes por sua vez, são alvo de grandes confusões por parte dos DDA, pois por vezes confundem morfemas na escrita, e fonemas na oralidade.

## **1.2. LINGUAGEM NÃO VERBAL**

A linguagem não verbal, ocupa-se de tudo o que não utiliza signos mas sim símbolos, temos então a linguagem gestual, a linguagem simbólica e as expressões faciais.

Os DDA manifestam muito incoerentemente as suas expressões faciais, elas são carregadas de emoção, principalmente de violência e agressividade, quando confrontados com situações dúbias e/ou que revelem um certo perigo imprevisível.

Os DDA, devido à sua intolerância à frustração e baixa auto-estima, são indivíduos hipersensíveis que facilmente deixam transparecer as suas emoções, pois põem os sentimentos à frente da razão, o que os coloca em muitos casos, em situações desagradáveis e desadequadas.

## **2. DISTÚRBO DO DÉFICE DA ATENÇÃO**

Em termos práticos, diz-se que um indivíduo com DDA manifesta na sua actividade diária, padrões comportamentais em que a actividade motora é muito acentuada e inadequada ou excessiva. São indivíduos que têm muita dificuldade em permanecer no seu lugar, que se mexem ou baloçam continuamente, que mantêm um relacionamento difícil com os colegas (intrometem-se nas suas brincadeiras), não prestam atenção e precipitam as respostas, etc. Nenhum destas manifestações deve ser confundida com má educação ou faltas de comportamento ocasionais.

Um indivíduo com DDA manifesta sinais de desenvolvimento inadequado em relação à sua idade mental e cronológica, nos domínios da atenção, da impulsividade e da actividade motora.

Juntando esta definição à Linguagem, temos então um discurso desorganizado, em que as palavras atropelam-se umas às outras, rico em “brancas”, isto é, um DDA ao discursar frequentemente perde-se no seu raciocínio, o que origina muitas vezes à expressão “esqueci-me onde ia” ou “o que é que eu estava a dizer”, e carregados de agressividade. O indivíduo com DDA, tem assim uma grande dificuldade em ter uma conversa coerente, pois esquece-se frequentemente do que está a falar, e inicia outro assunto, sem interrupção. Como por vezes, é difícil perceber o que diz, ele apercebe-se, irrita-se e inicia assim um discurso mais agressivo.

Note-se que, maioria das vezes esta agressividade no discurso, não é por causa dos outros não o estarem a compreender, mas sim, pelo próprio indivíduo se aperceber que não está a passar a mensagem correctamente, então revolta-se com ele próprio, por ser tão desorganizado e confuso.

### **2.1. HIPERACTIVIDADE**

A hiperactividade caracteriza-se pela frequente agitação das mãos ou dos pés ou de não parar quieto na cadeira; apresenta uma grande dificuldade em permanecer sentado, em situações em que tem que estar mesmo sentado, inventando mil e uma desculpas para se levantar; não pára quieto um segundo, nas crianças manifesta-se pela correria de um lado para o outro, nos adultos pela exagerada inquietação, ambos acontecem nas situações mais inapropriadas; as crianças têm dificuldade em brincar silenciosamente, os adultos têm dificuldade em executar uma tarefa, quer profissional quer de lazer, silenciosamente.

Assim um indivíduo que exiba este distúrbio é dotado de energia, pois parecem que andam sempre a “mil à hora” e falam sem parar, chegando mesmo a cansar quem os vê e ouve. É neste ponto que eu quero pegar, para coligá-lo com a Linguagem, pois alguém que fala incansavelmente, por vezes as coisas não são ditas da melhor forma, pois tendem a atropelar as palavras. Isto é, eles pretendem manter um equilíbrio entre o que pensam e o que dizem, mas como a velocidade do pensamento é superior à da fala, eles despejam tudo o que querem dizer, quase ao mesmo tempo, ora quem ouve, começa a ficar desesperado, porque não está a perceber nada.

Assim esta hiperactividade cognitiva, leva o indivíduo a usar a linguagem incorrectamente, bem como dá origem a algumas perturbações da linguagem como a dislexia ou a gaguez.

## **2.2. IMPULSIVIDADE**

Uma das grandes características dos indivíduo com DDA, é dar respostas precipitadas antes das perguntas terem sido completadas, e isto remete para um âmbito do discurso inadequado, pois estão sucessivamente a interromper o orador, o que dificulta a pragmática linguística.

Em termos práticos o que é que isto significa, como os indivíduos com DDA têm dificuldade em acompanhar um discurso que seja mais lento que o seu pensamento, eles tendem a prever o que o outro vai dizer, então antecipam-se e dizem-no. Esta forma de funcionar, tem duas explicações, uma é que querem estabelecer um equilíbrio entre a velocidade do seu pensamento e a velocidade do discurso do orador, mas como o seu pensamento é mais veloz, eles precipitam-se a completar a ideia, a outra é, à medida que o orador vai falando, o indivíduo impulsivo começa a pensar no conteúdo da mensagem, chegando a conclusões, ora como é incapaz de ouvir até ao fim, têm já o seu raciocínio formado, e como o orador não termina logo a sua ideia, eles tendem a terminá-la, à sua maneira acelerada, para poder expressar a sua própria ideia.

## **2.3. DISTRACÇÃO**

A distracção é outro dos sintomas do Distúrbio do Défice da Atenção, e também este traz sérios problemas ao discurso do indivíduo que o desenvolva. Um indivíduo distraído é dotado de um défice

na atenção selectiva, que se traduz em ser vulnerável aos vários estímulos que o rodeiam. Esta distração, é caracterizada pela atenção a vários estímulos ao mesmo tempo, logo a sua atenção salta de um lado para o outro.

Por exemplo, ao manterem um diálogo com alguém, eles começam por prestar atenção ao que lhe está a ser dito, mas a meio da conversa eles começam a olhar em seu redor e a aperceberem-se de outros estímulos, deixando de estar atentos ao que o outro lhe está a dizer, é como se costuma dizer, “desligam” da conversa e grande parte das vezes são “apanhados”, principalmente se lhe perguntarem «o que é que achas?». Aí eles apercebem-se que não estavam a ouvir o que o outro lhe estava a dizer, e têm que responder a uma pergunta para a qual não estavam preparados, então surgem duas situações, ou respondem à pergunta com base no início da conversa, pois era quando estão atentos, mas de uma forma agressiva e dotada de razão, ou respondem à pergunta com algo que não tem nada a ver com o contexto da conversa, mas com aquilo que eles estavam a prestar atenção no momento.

A distração, é também um factor importantemente prejudicial na aprendizagem da linguagem, pois a criança desatenta tem dificuldade em prestar atenção, ao que o professor lhe diz, logo terá consequências ao nível da leitura e da escrita, de algo que lhe é instruído a executar. Se a uma criança, lhe for pedido para escrever determinada frase relacionada com determinado tema, ela poderá escrever outra coisa completamente diferente ou até mesmo esquecer-se como é que se escreve determinada palavra.

É fundamental referir que no Distúrbio do Défice da Atenção, o oposto da distração, é a hiperfoco, que é a capacidade que o indivíduo tem em estar atento, se algo for alvo de sua atenção e se for suficientemente estimulante, o indivíduo é capaz de estar horas hiperfocado em determinada tarefa ou pensamento. Então é questionável, afinal um indivíduo com Distúrbio do Défice da Atenção tem uma grande capacidade de atenção?! Sem dúvida que tal indivíduo com esta perturbação, tem capacidade de prestar atenção, só que ele só presta atenção ao que mais lhe convém ou ao que mais o estimula. Ter défice de atenção, não é o mesmo que não ter atenção, esta capacidade de hiperfoco é uma característica dos DDA, só que torna-se prejudicial porque não é regulada, se existir algo que seja muito estimulante para ele, o indivíduo é capaz de lhe prestar atenção durante vários dias ou semanas, até que deixe de ter interesse.

## 2.4. ANSIEDADE

*Ansiedade é uma “emoção gerada pela antecipação de um perigo vago, de difícil previsão e controlo. Transforma-se em medo face a um perigo bem identificado. A ansiedade faz-se acompanhar por modificações fisiológicas e hormonais características dos estados de activação elevada e, muitas vezes, está associada ao comportamento de conservação-retirada ou a condutas de evitamento...”<sup>(1)</sup>*

Assim a ansiedade é um grande desencadeador de fobias e ataques de pânico, levando o DDA ao desespero. O indivíduo DDA é possuidor de uma grande dose de ansiedade, derivado à sua busca incansável pela aceitação do outro e pela aceitação dele próprio, da maneira que é. Juntando isto a sua grande intolerância à frustração e à sua baixa auto-estima, dá desespero na certa.

Então, até que ponto é que a ansiedade perturba a linguagem do indivíduo com DDA? É o que vou desenvolver nos próximos capítulos, como é que a ansiedade interfere entre a linguagem e a cognição e quais as principais perturbações da linguagem no discurso do indivíduo com distúrbio do défice da atenção.

### 3. LINGUAGEM E COGNIÇÃO NO DISTÚRBO DO DÉFICE DA ATENÇÃO

Muitos indivíduos com comportamentos DDA devido ao seu estado de ansiedade são incapazes de utilizar a linguagem na sua forma mais correcta, o que implica que muitas das vezes ocorram lapsos de língua, o que torna o seu discurso um tanto ou quanto confuso e incompreensível.

Na realidade, o indivíduo, mesmo naquele atribulado de pensamentos, ele consegue pensar no que quer dizer, só que derivado a estímulos externos, ou às suas próprias associações de ideias, é originada uma perturbação entre o mecanismo da produção da fala e o mecanismo cognitivo, levando assim a esses lapsos. Logo por mais certa que seja a ideia do indivíduo, a sua desconcentração vai levá-lo a uma expressão errada.

Os lapsos da língua, que ocorrem no discurso dos indivíduos com DDA são praticamente do mesmo tipo que ocorrem nos indivíduos sem DDA, só que em maior quantidade.

#### ❖ Lapso da Língua por antecipação

O Indivíduo utiliza um elemento linguístico, antes que ele seja adequado na frase, só porque ele mais tarde é necessário à mesma frase, p.e., o indivíduo tende a “uma **expressão expiradora**”, em vez de “uma **expressão inspiradora**”;

#### ❖ Lapso da Língua por perseveração

Quando um elemento linguístico é utilizado desadequadamente, p.e., em vez de dizer “Nós nos sentamos para uma generosa **festa**”, poderá dizer “nós nos sentamos para uma generosa **besta**”;

❖ Lapso da Língua por substituição

Quando no seu discurso o indivíduo substitui um elemento linguístico por outro completamente contrário, p.e., diz “**depois** que seja demasiado tarde” em vez de dizer “**antes** que seja demasiado tarde”;

❖ Lapso da Língua por reversão

Quando o indivíduo troca a posição de dois elementos linguísticos, nos quais produzem duas palavras completamente diferentes, p.e., “**toca** á campainha”, por “**cota** a campainha”;

❖ Outros lapsos da língua

Existem outros lapsos no discurso do indivíduo, que podem ser eles derivados à inserção de sons, quando duas palavras têm sons semelhantes, ou por delegações, quando mistura elementos linguísticos de duas palavras e forma uma sem nexos, p.e. em vez de dizer “claridade” ou “luminosidade”, diz “lumidade”.

## 4. PERTURBAÇÃO DA LINGUAGEM NO DISTÚRPIO DO DÉFICE DA ATENÇÃO

Os indivíduos com Défice do Distúrbio da Atenção, são muito propícios a perturbações da Linguagem. Consoante os três sintomas básicos do distúrbio, as perturbações são desenvolvidas, mediante o tipo de disfunção quer ao nível da leitura, da escrita, do cálculo lógico, ou até mesmo de ortografia.

### 4.1. DISLEXIA

A Dislexia corresponde a uma perturbação a nível da leitura e escrita e é aplicável a uma situação, na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com que lêem as crianças do mesmo grupo etário, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais completamente funcionantes, liberdade emocional, motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada.



Estudos feitos em crianças disléxicas, mostrou que elas apresentam perturbações que ultrapassam, em larga escala, a simples função da leitura, bem como responsabilizam a aprendizagem deficiente da leitura e da escrita, por tal perturbação.

Associada à Dislexia encontra-se, a maior parte das vezes, uma Disgrafia, ou seja, dificuldades da transcrição escrita da linguagem falada. A nível espacial são frequentes as confusões, as omissões e as inversões. A apresentação é defeituosa, de tal modo que, muitas vezes, a criança não consegue seguir as linhas de um corpo de texto.

Esta perturbação parte de uma má percepção da criança da linguagem falada, logo uma criança predominantemente desatenta, vai culminar com o facto de não conseguir associar a linguagem falada à linguagem escrita, indo recorrer aos mesmos mecanismos que utiliza na linguagem falada para passar à linguagem escrita.

Ela pode adquirir eficazmente a linguagem falada, mas existem certos termos que ela consegue dizer, mas torna-se difícil escrevê-los., pois não adquire verdadeiramente os mecanismos cognitivos responsáveis pela escrita.

## 4.2. DISGRAFIA

Pode-se definir a disgrafia como uma «deficiência na qualidade do traçado gráfico sendo que, essa deficiência, não deve ter uma causa um “déficit” intelectual e/ou neurológico. Está-se, portanto, falando de crianças de inteligência média ou acima da média, que por vários motivos apresentam uma escrita ilegível ou demasiadamente lenta, o que lhes impede um desenvolvimento normal da escolaridade» (Ajuriaguerra, 1977).

A disgrafia, também chamada de “letra feia”, não está necessariamente associada à disortografia. No entanto, a criança que tem dificuldades para escrever correctamente a linguagem falada, apresenta geralmente uma disgrafia. Na maioria destes casos, a “letra feia” é consequência das dificuldades para recordar a grafia correcta para representar um determinado som ouvido ou elaborado mentalmente. Neste sentido, a criança escreve devagar, retocando cada letra, realizando de forma inadequada as uniões entre as letras ou, amontoando-as com o objectivo de esconder os erros ortográficos. É possível, porém, encontrar crianças disgráficas que não apresentam qualquer tipo de disortografia.

Principais características encontradas em crianças disgráficas:

a) Má organização da página: este aspecto está intimamente ligado à orientação espacial. A criança com dificuldade em organizar adequadamente sua escrita numa folha de papel, apresentando

um distúrbio de orientação espacial. A sua escrita caracteriza-se pela apresentação desordenada do texto com margens mal feitas ou inexistentes, espaços entre palavras e entre linhas irregulares e, escrita ascendente ou descendente.

b) Má organização das letras: a característica principal deste aspecto é a incapacidade da criança em submeter-se às regras caligráficas. O traçado apresenta-se de má qualidade, as hastes das letras são deformadas, os anéis empoleirados, letras são retocadas, irregulares em suas dimensões e atrofiadas.

c) Erros de formas e proporções: refere-se ao grau de limpeza do traçado das letras, sua dimensão (demasiado pequena ou demasiado grande), desorganização das formas e escrita alongada ou comprida.

### 4.3. DISORTOGRAFIA

A uma criança, independentemente de ter ou não comportamentos DDA, é-lhe ensinado o uso da escrita de forma adequada. Tem acesso ao conhecimento de todos os símbolos gráficos que representam os sons falados; é-lhe dado a conhecer a relação existente entre linguagem escrita e linguagem falada; aprende como é que os símbolos gráficos se unem para formar unidades linguísticas com sentido; e por último, mas não menos importante, a usar corretamente a pontuação. No entanto, nem todas as crianças têm facilidade em aprender a usar os processos gráficos para representarem a linguagem oral. Geralmente, estas crianças são classificadas de disortográficas.

Ao falar-se em disortografia, três critérios devem ser levados em consideração:

❖ o nível de escolaridade - a ocorrência de trocas ortográficas é esperada dependendo do grau escolar em que a criança se encontra.

Numa primeira fase, é esperado que a criança apresente uma grande quantidade e variedade de trocas entre letras, porque a relação entre palavra impressa e o som, ainda não está totalmente automatizada.

Numa segunda fase, é aceitável que a criança cometa erros quando escreve palavras como “necessidade”, “sucesso”, “excelência”.

Mas se estes erros continuarem num grau mais avançado do processo de aprendizagem escolar, é porque algo não está a funcionar bem.

❖ a frequência – diz respeito à frequência das palavras que são menos usadas no seu vocabulário.

Assim, para avaliar a ortografia de uma criança não se deve utilizar palavras que não estão inseridas em seu vocabulário ambiental, pois isto conduz ao erro esperado, pois não se pode esperar que a criança escreva corretamente uma palavra que não conhece graficamente, nem compreende seu significado.

❖ os tipos de erros – este critério, permite à criança ir-se consciencializando da importante que determinado erro pode ter, pois existem erros ortográficos mais graves que outros.

Em suma, a disortografia, é algo que se manifesta normalmente, na aprendizagem da linguagem escrita, tendo uma duração limitada dependendo do grau de instrução. Só se torna perturbação quando persiste mais no tempo.

No caso dos DDA e se o método pedagógico não for dos mais eficazes, vai reforçar a esta perturbação, ou seja, ele ao querer não dar erros ortográficos, vai aumentar o seu nível de ansiedade, e por consequente a sua desatenção. Se ele tenta uma ou duas vezes e é repreendido, facilmente “desliga” e perde todo o interesse por não dar erros. O que permite assim um aumento substancial nos erros ortográficos e agravamento de outras perturbações da linguagem, como a dislexia ou a disgrafia.

#### **4.4. DISCALCULIA**

A Discalculia é caracterizada por uma perturbação no cálculo lógico-matemático e tem como sintomas a dificuldade na resolução de problemas aritméticos.

A criança na altura de aprender formas aritméticas, revela um défice a nível lógico, tornando-se por vezes difícil realizar uma simples soma ou subtração.

Uma criança dotada de uma grande dose de ansiedade, é provável que não desenvolva o raciocínio lógico-matemático da forma mais correcta, o que a leva a uma má utilização dos símbolos numéricos ou a uma má realização das operações, principalmente das operações inversas.

Nesta perturbação, as principais áreas lesadas são a capacidade de reversibilidade, seriação, ordenação, inclusão e decomposição. Predomina também a dificuldade de simbolização e de ordenação numérica espacial.

#### 4.5. GAGUEZ

A gaguez é um dos comportamentos assíduos dos DDA, pois quando pretendem transmitir uma ideia, e têm dificuldade em “arrumar” o seu pensamento, vão falando, hesitando e saltando de palavras para palavras, com o objectivo que os outros compreendam o que ele diz.

Gaguejar é um comportamento particular de falar, que o indivíduo desenvolve, com uma grande variável de características, tensão muscular, tensão respiratória, repetição de fonemas, alongamento de fonemas, repetição de palavras, movimentos "auxiliares" de rosto, ou de braços ou qualquer parte do corpo; movimento de fuga dos olhos e outras tantas formas diferentes, quantas forem as pessoas que gaguejam.

É natural em qualquer pessoa, nalgum momento, hesitar ao falar, retroceder na formulação da frase ou do pensamento; a insegurança nalgumas vezes reflecte-se na forma de falar, assim como a raiva, o amor ou qualquer sentimento.

É natural a pessoa gaguejar nalguns momentos. A frequência que possa ocorrer nessas hesitações, repetições, fugas é que faz a diferença.

Assim como a pessoa desenvolve a fala, também desenvolve o gaguejar. O gago vai "aprimorando" esse comportamento, sem o saber, porque com o tempo vai adicionando outros componentes a sua forma de falar, como tensão de alguma parte do corpo, movimento de piscar de olhos, etc.

Muitas vezes passa a fugir de determinadas palavras, ou situações, chegando até a afectar a sua auto-estima.

O DDA, frequentemente tem a auto-estima em baixo, logo se ele se apercebe que está a gaguejar, que não está a ser compreendido, adquire um comportamento defensivo, ou se cala ou muda de assunto, de uma forma radical e intempestiva.

#### CONCLUSÃO

Este trabalho destinou-se a estabelecer uma relação entre o Distúrbio do Défice da Atenção e as Perturbações existentes na Linguagem.

Não fiz um trabalho de investigação quantitativa, mas mediante a bibliografia que pesquisei, posso concluir que o sentimento existente nas perturbações da linguagem, na vertente cognitiva, é a ansiedade. E que o mesmo sentimento está presente no Distúrbio do Défice da Atenção.

Poderei mesmo afirmar, que o sentimento base quer do distúrbio do défice da atenção, quer nas perturbações da linguagem é a ansiedade. Pois esta faz com que os indivíduos sejam mais susceptíveis à desatenção, a hiperactividade e à impulsividade, juntando o facto da dificuldade de leitura, de escrita e de aquisição do raciocínio lógico-matemático e da gaguez serem deturpados.

As perturbações da linguagem, apresentadas neste trabalho, não são exclusivas dos indivíduos com comportamentos DDA, mas tornam-se mais visíveis derivado aos seus sintomas e ao seu elevado grau de ansiedade, que implicam em todo o processo de aprendizagem da linguagem e que evoluem, conforme o desenvolvimento do indivíduo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA), (2002), *DSM-IV-TR – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*, 4ª Ed., Lisboa, Climepsi Editores, pp. 51 – 103.

BAUTISTA, Rafael (Coord.), *Necessidades Educativas Especiais*, (1997), Almada, Dinalivro, pp. 159 – 184.

CALDAS, Alexandre Castro, (2000), *A Herança de Franz Joseph Gall – O Cérebro ao serviço do Comportamento Humano*, Amadora, McGraw Hill, p. 206-208.

DORON, Roland e PAROT, Françoise, (2001), *Dicionário de Psicologia*, Lisboa, Climepsi Editores, 852 pp.

FONSECA, A. Fernandes da, (1997), *Psiquiatria e Psicopatologia*, 2ª Ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 378-380.

GIL, Roger, (2002), *Neuropsicologia*, 2ª Ed., São Paulo, Livraria Santos Editora, pp. 47, 65, 72.

GLEITMAN, Henry, (1993), *Psicologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 373-422 e pp.647-657.

SALGUEIRO, Emílio, (1996), *Crianças Irrequietas*, Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 831 pp.

SILVA, Ana Beatriz B., (2003), *Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperactivas*, 9ª Ed., São Paulo, Editora Gente, 222 pp.

STERNBERG, Robert J., (2000), *Psicologia Cognitiva*, Porto Alegre, Artmed Editora, pp. 251-304.

## REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

[ddah.planetaclix.pt/index.htm](http://ddah.planetaclix.pt/index.htm) (10/01/2004)

[www.aeiou.pr/registos/h/Hiperactividade\\_da\\_crianca.html](http://www.aeiou.pr/registos/h/Hiperactividade_da_crianca.html) (10/01/2004)

[www.terravista.pt/portosanto/4230/dificuld.htm](http://www.terravista.pt/portosanto/4230/dificuld.htm) (10/01/2004)

<sup>1</sup> DORON, Roland e PAROT, Françoise, (2001), *Dicionário de Psicologia*, Lisboa, Climepsi Editores, p. 67.